

## ANTÔNIO ALCÂNTARA MACHADO - O RAPSODO DA PAULICÉIA\*

Mario PIRES

Em maio do corrente ano transcorreu o centenário de um dos mais autênticos cronistas das tradições paulistanas, Antônio Castilho Alcântara Machado de Oliveira, de muito ilustre ascendência.

Sentímo-nos muito honrado na conterraneidade com o saboroso autor de “Brás, Bexiga e Barra Funda”. E também porque fomos quase vizinhos: nós, na casa paterna da Alameda Barros, bairro de Santa Cecília, em São Paulo e ele, com os pais, na Rua Frederico Steidel, a poucas quadras.

Nossas belas-letas muito esperavam de um escorreito e delicioso escritor, mas, uma banal operação de apendicite, levou-o com apenas 34 anos de idade. É uma impressionante coincidência, a crônica por ele publicada, na sua viagem à Europa (1929-30), quando escreveu, entre outras coisas:

“Não quero morrer na Europa. Quero ir morrer no Brasil, na cidade de São Paulo, numa manhã bem quente. Me prontarei, entrarei no largo de Santa Cecília e em frente da igreja, no meio do largo, subirei no refúgio me encostando no lampião esgalhado.

São Paulo encherá o silêncio da morte. Porque não se deve esperar a morte deitado na cama, de cara amarela, de olhos fechados, entre remédios e lágrimas. A morte não gosta da morte. A morte só gosta da vida. Ela é que imortaliza. Ela salva o homem que o mundo quer matar. Livra o homem do mundo...”

Parecia uma premonição, como a do nosso terno poeta Álvares de Azevedo. Pois o escritor Alcântara Machado, depois de sua volta da

---

(\*) Lido em sessão de 2 de abril do ano corrente, da Academia Campinense de Letras.

Europa, poucos anos teve de vida. Viajou ao Velho-Mundo, de 1929 a 1930 e, como bom brasileiro, as saudades da pátria inspiraram-lhe aquela comovida crônica. Felizmente, suas obras literárias serão reeditadas este ano, em homenagem ao seu centenário, pela Editora Nobel e a Imprensa Oficial do Estado e aguardamos ansiosos a reedição do “Pathé-Baby”, seu livro de viagens, pois os demais, felizmente, os temos. Antônio Alcântara Machado, filho do consagrado autor do “Vida e Morte do Bandeirante”, José Alcântara Machado de Oliveira, e neto do não menos notável barão Brasília Machado, imortalizou a gente do povo e os bairros populares de São Paulo, tornando-se, assim, um de nossos escritores preferidos, pela nossa conterraneidade. Convivendo com o soboroso e irreverente Alexandre Marcondes Machado, o “Juó Bananere”, autor, entre outras paródias, “A Divina Increnca” - satirizando o clássico de Dante Alighieri, “A Divina Comédia” - Antônio comprazeu-se no relato dos “paulistanos-carcamanos” dos bairros populares da Paulicéia, dando-nos o delicioso **“Brás, Bexiga e Barra Funda”**. Além do sabor dos relatos, o livro aborda, talvez sem a idéia do autor, problemas de psicologia, sociologia e filosofia. Décadas depois, um autêntico e inspirado poeta paulista, Adoniran Barbosa, fez o mesmo, agora, musicalmente.

“Juó-Bananera”, no seu “A Divina Increnca”, nos encanta e diverte, portando no arrevesado italiano.

“Tegno sodades dista Paulicéia/dista cidade chi tanto dimiro.

Tegno sodades distu çeu azur, das bellas figlia du Bó-Ritiro.

Tegno sodades dus tempo perdido, xupano xippi uguali dún vampiro. Tegno sodades dus begino ardenti, das bellas figlia lá do Bó-Ritiro...” E por aí vai.

E por que não reproduzir, também, uns saborosos versos de Adoniran Barbosa, autor de centenas de composições, quase todas lembrando os bairros populares - como Alcântara Machado - de São Paulo, em que se destaca o mais famoso, “Trem das Onze”, grande sucesso até hoje. Mas o “Samba do Arnesto” é mais sutil.

“O Arnesto mas convidou, prum samba, ele mora no Brás.

Nóis fumos, num encontremos ninguem. Nóis fiquemos cuma baita duma réiva, da outra veis, nós non vai mais...”

Voltando ao inditoso Alcântara, a crítica exaltava seu estilo escorreito mas absolutamente acessível a todos os leitores. Seus livros e os relatos de sua viagem à Europa, o “Pathé-Baby”, tornaram-se disputados, principalmente pelos paulistanos. Escrevia, ele, sem jactância, num vernáculo atualizado, em estilo até castiço. Em seu “Brás, Bexiga e Barra-Funda”, encontramos muita identidade com a nossa juventude de estudante, de família pobre, de pais imigrantes portugueses.

O amor de Antônio de Alcântara Machado a São Paulo era feito de desvelos maternos. E cego, também, porque até os defeitos de seu povo lhe eram caros. Paulista de 400 anos, da primeira leva aportada a São Vicente, quis a terra nova com todas as forças do difinitivo enraizamento.

Mas, deixemos de prolegômenos e nos encantemos com umas poucas linhas dos sabores contos de “Brás-Bexiga e Barra Funda”, como estas, que, na nossa infância e adolescência, algumas vezes presenciamos.

“O Barbeiro Tranquilo Zampinetti da Rua do Gazômetro nº 224/B, entre um cabelo e uma barba, lia sempre os comunicados de guerra do Fanfulla (Para quem não morava em São Paulo e não é tão avançado em idade como nós, diremos que Fanfulla era um diário editado para a vasta colônia italaiana da Paulicéia). Lia, muitas vezes em voz alta, até. De puro entusiasmo: La fulminante investita dei nostri bravi bersaglieri ha ridotto le posizione nemiche in vero amazzo di rovine. Nel campo di battaglia sono restati circa cento e novanta nemici”.

Depois, Tranquilo gritava: “Tripoli será italiana/sará italiana a rombo di cannone!”

Nesses dias memoráveis diante dos fregueses assustados, brandia a navalha como uma espada.

- Caramba, come dicono gli spagnuoli.

Mas tinha um desgosto: o Lorenzo e o Bruno não queriam saber de falar italiano. O Lorenzo era até irritante.

- Lorenzo! Tua madre te chiama.

Per ultima volta: tua madre te chiama, hai capito?

Qual o que.

- Stai attento que te rompo la faccia, figlio d'un cane sozzaglione, che non sei altro!

- Pode ofender que eu não entendo! Mamãe! Mamãe!

Cada surra que só vendo.

Depois do jantar, tranquilo punha duas cadeiras na calçada e chamava a mulher. Tranquilo cachimbando e dona Emília fazendo meias roxas, verdes, amarelas. Às vezes o Giacomo vinha também carregando a sua cadeira de palha grossa.

- Buona sera, Crispino.

- Tanti salute a casa, sora Clementina..."

A crônica do nosso inefável escritor, é muito longa e enfiaríamos os caros ouvintes, relendo-a integralmente. Fiquemos por aqui e vamos adiante. E com muita saudade, pois a Paulicéia, até princípios da década de 50, era gostosa de se viver. Os bondes da Light, os lampiões de gás, a garoa, as serenatas, os carcamanos do Brás, Bexiga e Barra-Funda... Os pregões matinais, os matutinos apregoados pelos pequenos jornaleiros...

Antônio Alcântara Machado filmou fielmente aquela vida saborosa, com Voltolino, Juó-Bananere e as revistas paulistas se cariocas, como o saudoso Tico-Tico infantil, a alegria a criançada.

Mestre Silveira Bueno, que tivemos o privilégio de lhe sermos aluno na "Caetano de Cmapos", em São Paulo, em sua obra didática "A Arte de Escrever", falando sobre os métodos literários, escreveu." A expressão literária deve ser, antes de tudo, verdadeira."

E que mais obediência, mais objetividade observou o jovem Alcântara Machado, no saboroso estilo de seus livros? E soube passar para o papel, suas observações interessantes e fidedígnas da vida paulistana, da "arraia-miúda", a classe humilde da Paulicéia e sua convivência com os interessantes "carcamanos" do Brás, Bexiga e Barra Funda. Por isso, em pouco tempo, tornou-se o escritor mais solicitado e querido de seus conterrâneos. A que nos enfileiramos com ardor de paulistano nato.

Infelizmente, a seara literária de Alcântara Machado, com a sua prematura morte, não pôde ser abundante como, por certo, seria. Sua bibliografia inclui "**Pathé-Baby**" (crônicas de sua viagem à Europa),

1926; “**Brás, Bexiga e Barra Funda**”, contos, 1927, bem como “**Laranja da China**”; “**Anchieta na Capitania de São Vicente**”, prêmio Capistrano de Abreu, 1929; “**Cartas Jesuíticas**”, 1933; “**Mama Maria**”, contos, 1936; “**Cavaquinho e Saxofone**”, 1941 e “**Capitão Bonini**”, 1941, estes três últimos, póstumos.

Alcântara Machado Filho, escrevia sem jactância, sem preciosismos, mas seu estilo simples e direto, tornava-se elegante, até castiço.